

:: EDITORIAL

Chegamos ao número 9 do Boletim Conect-a, último sob a responsabilidade do atual Conselho Diretor (gestão 2022-2025) e que agora passa o bastão. Momento propício para retomar a aposta inicial deste veículo de comunicação, inserindo um momento de concluir e instaurando um novo instante de ver.

Quando lançamos este canal no início de 2023, levados pelo entusiasmo gerado pelo recuo da pandemia e a reabertura para ocupar os espaços físicos do instituto, nossa aposta era no laço e na causa analítica através de um provocador ao trabalho. Herdeiro desse processo, o virtual passou a fazer parte de nossa rotina, se instaurou como repetição e, arrisco dizê-lo, virou sintoma. Por outro lado, já se tinha como perspectiva repensar o Uno do CLIN-a, em como fazer com que as atividades não ficassem mais isoladas e o ensino fosse unificado e orientado. O on-line se mostrou uma ferramenta útil para tal desafio, mas será que atingimos o objetivo?

Diante daqueles que chegam pela primeira vez ao CLIN-a em busca de iniciar suas formações como psicanalistas, os impasses continuam presentes, mas remodelados. Como responder ao empuxo ao saber transformado em produto, ao aluno-consumidor que se depara cada vez mais com ofertas de cursos que banalizam a área “psi”? Enquanto psicanalistas de orientação lacaniana, tentamos fazer frente aos impasses de nossa civilização, mesmo quando estes se apresentam através dos que se dizem “representantes” da psicanálise. Nossa oferta de cursos que carregam as insígnias universitárias, mesmo subvertendo tal lógica, por vezes sucumbe às demandas do discurso do mestre. O instituto como agulhão da Escola deve, a cada vez, se reafirmar como espaço de investigação, saber e ensino, sem negar seu laço com o discurso universitário e com a cidade.

Isso tudo não elimina os efeitos de grupo e as transferências de trabalho. Afinal, o que compõe e sustenta um trabalho de instituto? O que significa ser associado? Perguntas das quais me fiz ao assumir a função de Presidente Diretor e que atravessaram meu percurso. Se cada um, diante do trabalho, se depara com o vazio e coloca de si a partir de seu desejo, depositando ali



Imagem: Andrew kliatskyi
unsplash.com

um estilo, não há, portanto, resposta única. Assim, convidamos duas colegas, Paola Salinas e Andressa Luz, para também deixarem suas elaborações sobre o tema e que podem ser conferidas nos textos a seguir.

Ainda neste boletim, Fabiola Ramon nos apresenta o tema do número 20 da revista Entrevários, “Investigação em Psicanálise”, lançada recentemente e do qual ela foi editora responsável. Na rubrica “Radar”, Caroline Rangel nos convida a mergulhar na obra de Gabriel García Márquez, “Em agosto nos vemos”, e descobrir certas veredas e enigmas do feminino. O trabalho de Biblioteca também se faz presente: além das novas aquisições de livros e revistas que os associados e alunos podem conferir, apresentamos um breve relatório produzido pelo bibliotecário do CLIN-a, Felipe Salles, sobre o trabalho feito no último ano com o acervo do instituto.

A nossa tarefa, essa que é a psicanálise, depende do real em jogo presente no vivo da experiência e do ensino. Aposta colocada em ato e relançada a cada vez...

Gustavo Oliveira Menezes

.: PÍLULAS DO INSTITUTO

O que é ser associado?

“(..)Se o psicanalista pode se autorizar a falar sobre o ensino, ele o faz como sempre fala, isto é, a partir do que falha (...)”¹

Primeiramente quero enfatizar o meu entusiasmo com este convite para escrever um texto a partir desta pergunta tão pertinente ao associado. O esforço para elaborar uma resposta me colocou a trabalho e me conduziu à construção de algo que me parece mais um argumento, a partir da minha própria experiência enquanto associada.

A primeira pergunta que me fiz foi: quando passei a integrar o “quadro social”² do CLIN-a enquanto uma “sócia colaboradora”³? Eu não me lembrava!



Imagem: Alexandr Meadow – www.pixels.com

Foi preciso recorrer à busca e à leitura da minha carta de intenção encaminhada ao Conselho Técnico do CLIN-a, em 2019. Neste reencontro, li que a experiência no Instituto “foi fundamental” para a decisão da orientação lacaniana como norte da minha prática. Ou seja, juntamente à experiência da análise e da supervisão, e do encontro com a Escola, a experiência como aluna do Instituto foi determinante para alojar a orientação lacaniana como princípio teórico da minha prática clínica, assentando, assim, o tripé da minha formação, conforme indicado por Freud.

Mas, por que o Instituto, se Lacan fundou a Escola?

1 LAURENT, É. O impossível de ensinar. In: Entrevários. Revista de Psicanálise (CLIN-a), n.20, fevereiro de 2025. São Paulo, pág. 16.

2 Estatuto do Centro Lacaniano de Investigação da ansiedade. São Paulo. In: <https://www.clin-a.com.br/quem-somos/estatuto>. Acessado em 21/04/2025.

3 Ibidem.

Laurent⁴ nos lembra que a via da contra-experiência foi o que permitiu a instalação dos institutos do Campo Freudiano no mundo, uma vez que a experiência inicial de Vincennes (Universidade Paris VIII), logo após a crise de 1968, foi uma “catástrofe total”. Ainda segundo ele, o fracasso se deu a partir da posição cínica daqueles que “não ensinavam nada de modo explícito, apenas por alusões”⁵, e que uma solução em ato foi necessária, sustentada por Jacques-Alain Miller, ao indicar uma saída possível para o impasse do ensino da psicanálise lacaniana naquele contexto.

Em sua “Tese sobre os institutos”⁶, Miller reforça que, se a Escola é uma instituição analítica, o Instituto é uma instituição para-universitária. Ele justifica a necessidade da constituição do binário Instituto-Escola como uma via para o saber exposto “fazer barra” à tendência autodestrutiva do discurso analítico, uma vez que o saber suposto, que sustenta a psicanálise, a corrói.

O Instituto, portanto, não é a Escola, mas o seu “agulhão”.⁷ Não há neste binário uma relação de complementaridade ou continuidade, mas uma “tensão constante”⁸.

No momento do envio da carta para me tornar associada ao CLIN-a certamente ainda não estava devidamente advertida sobre as diferenças entre o Instituto e a Escola. A diferença conceitual, teórica, um associado deve saber. Porém, me parece que ler esta diferença a cada vez, no cotidiano do trabalho empreendido no Instituto, pode ser mais desafiador.

A sutileza dessa diferença radical foi possível ler após uma série de reuniões entre os coordenadores dos núcleos de pesquisa do Instituto, empreendida por uma coordenação geral, há aproximadamente dois anos. Nessas reuniões, alguns impasses com o Conselho Técnico e com a própria coordenação geral foram trabalhados à luz de textos teóricos sobre a questão do Instituto e da Escola na orientação lacaniana. Pude recolher, por exemplo, no *a posteriori*, os efeitos de grupo presentes em uma primeira proposta endereçada ao Conselho Técnico do CLIN-a, da qual participei com outros colegas, que resultou na criação do núcleo de investigação e pesquisa: “A prática lacaniana nos novos tempos e sua transmissão”. Em outro momento, como consequên-

4 LAURENT, É. O impossível de ensinar. In: Entrevários. Revista de Psicanálise (CLIN-a), n.20, fevereiro de 2025. São Paulo, págs .21-22.

5 Ibidem. pág. 21

6 MILLER, J.-A. Tese sobre os institutos. In: Almanaque. Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. V.1. Belo Horizonte. IPSM-MG.

7 Ibidem.

8 POPADIUK, C.; BERLITZ, R. Dossiê: Conversação sobre o ensino. In: Entrevários. Revista de Psicanálise (CLIN-a), n. 18, novembro de 2020. São Paulo, pág. 74.

cia de uma nova demanda recusada pelo Conselho, já em nome do núcleo de pesquisa, pude ler o mal-entendido em jogo, fruto do equívoco de um desejo de Escola endereçado ao Instituto. Localizar este ponto de tensão, portanto, foi o que possibilitou extrair consequências enquanto associada ao CLIN-a e seguir engajada no Instituto, provando que o destino dos impasses, quando sustentados por uma transferência de trabalho, conduzem a mais trabalho, ainda!

Andressa Contó Luz

Um laço entre outros

Pensar no laço de associação ao Instituto, no nosso caso ao Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a), me fez retomar o momento lógico em que esse laço se produziu.

Desejar participar das investigações conduzidas naquele momento, dos cursos, e mesmo da transmissão, se colocava em perspectiva ao meu vínculo com a Escola. Em outros termos, a causa colocada na psicanálise de orientação lacaniana me permitia pensar a experiência do Instituto como uma forma interessante de ensino e transmissão da psicanálise, atravessada pelo Seminário que sustentava como aderente da Seção SP no interior, onde resido.

Ademais da lógica, cara ao Seminário declarado à Seção, aos diferentes cartéis que participava, como cartelizante ou mais-um, surgia uma possibilidade de *sistematização* do ensino na via do Instituto.

Foi esse significante que inicialmente orientou a possibilidade de participar “*desde dentro*” da transmissão sistematizada no Instituto, em um primeiro momento em um núcleo de pesquisa e, posteriormente, nos cursos propostos, que constituíram para mim um exercício de transmitir em uma lógica diferente da universitária, mas também diferente daquela a próprio risco.

Associar-se ao trabalho no Instituto somou-se à noção de um esforço a mais diante do impossível de ensinar, de fracassar bem em transmitir uma causa e um desejo de saber em relação à psicanálise.

Atualmente, pensar como nosso Instituto pode se colocar diante das múltiplas ofertas de ensino prêt-à-porter, com promessas de eficácia, praticidade e rapidez tem sido uma pergunta que permanece em aberto. Como apostar na transmissão da peste?

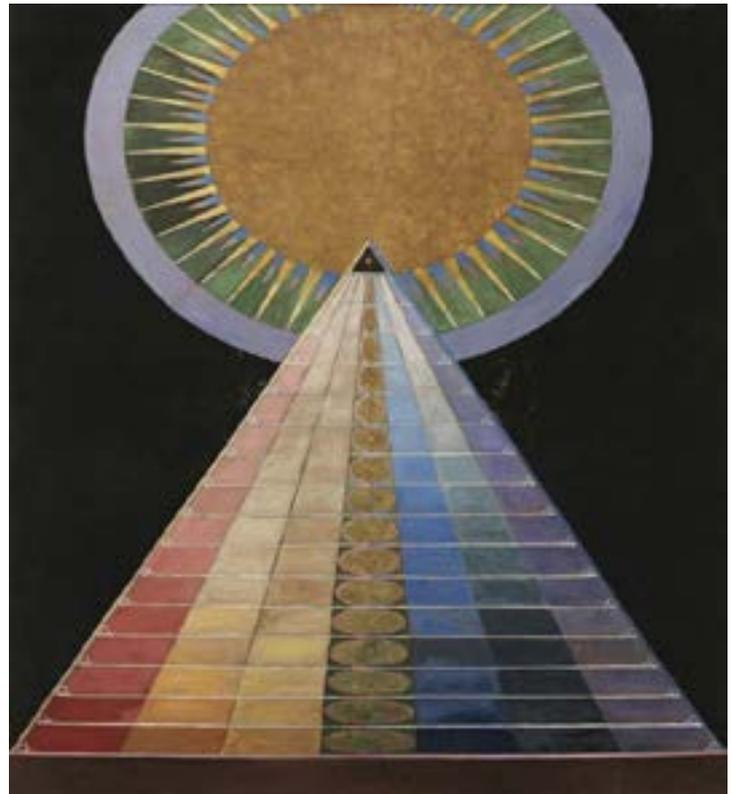


Imagem: Altarbild, #1, grupo X, 1915 | Hilma af Klim

Talvez a peste não seja mais uma figura interessante... mas, como contagiar uma relação com o saber que não deixe de fora o inconsciente e sua relação com o gozo? Seria possível, a partir das palavras de cada *ensinante*¹, fazer ressoar um tom que convide ao desejo de saber?

A partir dos impossíveis que a vida nos coloca, podemos escolher lugares de endereçamento com as mais variadas funções. O Instituto, neste momento, é a aposta de verificar, conforme escreve Laurent, “a maneira com a qual estamos tratando o saber explícito que se pode extrair da prática analítica. Esse instrumento [o Instituto] nos permite verificar se estamos tratando esse saber com o devido respeito”².

Dito de outro modo, este Instituto é um lugar que escolhi para colocar em questão minha relação com o desejo de ensinante, contando com a transferência de trabalho. Assim, trata-se de não somente repetir o sabido, mas dirigir-se cada vez mais ao ponto candente de não-saber, o que caracteriza isso que se nomeou como desejo de ensinante.

Paola Salinas

1 Laurent, E. Lo imposible de enseñar. In: Miller, J-A. [et al] Del edipo a la sexuación. Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 275. O termo 'desejo de ensinante' é retomado na conversação por Oscar Zack, a partir de Lacan, no seminário 10, A angústia.

2 Laurent, E. O impossível de ensinar. In *Entrevários*, revista de psicanálise: Investigação em psicanálise, nº 20, p. 23. Trad: Eduardo Vallejos.

Investigação em Psicanálise - *Entrevários* n. 20

A revista *Entrevários* n. 20 (fevereiro de 2025) acabou de ser lançada! O tema da revista, “Investigação em Psicanálise” é necessário e fundamental quando consideramos o lugar do Instituto como um lócus privilegiado de ensino da psicanálise e de investigação epistêmica. Investigação, saber e ensino se articulam no Instituto.

O Instituto é o lugar por excelência de verificação do ensino veiculado na Escola, que permite “avaliar de maneira realista os efeitos de nosso ensino”, e que possibilita “manter viva a teoria e a prática que ensinamos”. É o que destaca Éric Laurent em seu texto “O impossível de ensinar”, publicado neste número da *Entrevários*.

Há uma pergunta latente em todos os textos que compõem a revista: o que seria uma investigação fora de uma análise, uma investigação *em* psicanálise?

Considerando a investigação como espinha dorsal do Instituto, procuramos compor uma revista que promovesse uma interlocução entre o que se ensina, o que se investiga e aquilo que se produz no interior do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a), assim como também em outros Institutos do Campo Freudiano.

Cada autor, com seu estilo singular, problematiza e testemunha um trabalho investigativo em psicanálise, aportando profícuas interrogações relativas aos fundamentos da investigação e do ensino, iluminando o campo em suas dimensões clínica e epistêmica.



Há um ponto central que concerne à psicanálise no que se refere ao lugar do saber. Trata-se do que podemos chamar de “postura investigativa em psicanálise”, pressuposto fundamental de uma experiência analítica, que requer a posição subjetiva de “deixar-se ensinar” e que, necessariamente, abarca a dimensão do gozo na sua relação com o saber.

Se investigar em psicanálise não se assenta em um método padronizado que pressupõe a confirmação ou não de uma hipótese *a priori*, tal como na pesquisa acadêmico-científica, como podemos considerar a dimensão das hipóteses, das descobertas e dos achados? Esses são pontos trabalhados e desenvolvidos nos textos “Investigar em psicanálise ou Lacan, um peripatético?”, de Márcia Rosa (EBP-Minas), “Peregrinação do engano”, de Marcela Antelo (EBP-Bahia) e “Hipóteses, descoberta e invenção”, de Silvia Elena Tendlarz (EOL).

Lacan abriu uma via investigativa sobre o campo das psicoses, nos transmitindo a importância de se deixar ensinar pelos impasses e soluções singulares na experiência com os psicóticos. Se há muito a psiquiatria abandonou a investigação da clínica das psicoses, optando por uma prática classificatória dos sintomas, a psicanálise avança incidindo mais diretamente na política do tratamento com o psicótico.

Agnès Aflalo, em seu texto “Empuxo-à-mulher, Empuxo-em-direção-à-mulher, Fuga-frente-à-mulher” nos dá um precioso testemunho desse trabalho investigativo. Esse texto foi trabalhado por ela no Curso Avançado proferido no Clin-a em 2023, intitulado “A loucura nor-ma(l)cho do Homem dos Lobos”, trabalho que testemunha o quanto a psicose continua a nos ensinar, desde que tenhamos uma postura investigativa em relação a ela. Esse texto serviu de inspiração para que publicássemos um trabalho clássico de 1928, de autoria da psicanalista inglesa Ruth Brunswick, que conduziu o tratamento do Homem do Lobos após a análise com Freud.

Seguindo nessa mesma perspectiva, também temos os textos de Juliana Klein, “Da loucura de todos”, produto de sua participação no curso do CLIN-a, *Fundamentos em Freud e Lacan* e apresentado nas Jornadas de Ensino do CLIN-a em 2023, e de Izabel Abreu, “A invenção da transferência na clínica das psicoses”, que traz contribuições a partir de sua experiência institucional.

A transferência, estratégia fundamental da experiência analítica, é trazida por Gustavo Mezeis no texto “Investigação sob transferência” que, de forma rigorosa, precisa e investigativa, enlaça ensino, discurso analítico e transferência.

O tema da supervisão é trabalhado no texto “Qual lugar da supervisão no âmbito de uma clínica sediada no Instituto?” de Janaina Veríssimo e Luciana Legey, que problematizam, a partir da experiência na clínica do CLIN-a, sobre o lugar da supervisão em uma clínica sediada no Instituto e seus efeitos de formação.

A criança como tema constante de investigação é trazida no trabalho “A criança bricoleur”, assinado por Camille Apolinário Gavioli, Raquel Diaz Degenszajn e Silvia Jacobo, trabalho produzido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com a criança e o adolescente - Ciranda SP. É a criança também, no caso o Pequeno Hans, que Raquel Diaz Degenszajn se debruça para investigar sobre as fórmulas da sexualização e o além da lógica fálica em seu texto “O Pequeno Hans: mais, ainda”.

A psicanálise não se filia ao discurso da patologização da infância. Pelo contrário, o discurso analítico interpreta o discurso do mestre que sempre se renova, e que atualmente impera nas redes sociais, assim como nas escolas, no campo da medicina e na cultura, engendrado e potencializado pelo discurso da ciência.

Desde Freud, a criança continua sendo, para a psicanálise, fonte de investigação constante, visto que a sexualidade infantil é estruturante para o *fallasser*. Assim, entre os achados da contingência, fechamos a *Entrevários* n. 20 com o convite para o XII ENAPOL, redigido pela atual Presidente da FAPOL, Fernanda Otoni Brisset, cujo tema nos convoca a *Falar com a criança!*

Convidamos todos a ler a revista e desejamos que os textos possam inspirar e instigar uma posição investigativa na nossa comunidade!

Fabiola Ramon (Editora da *Entrevários* n. 20)

.:RADAR

A-gostos femininos

Uma leitura sobre **“Em agosto nos vemos”**, de Gabriel García Márquez

As noites de agosto na ilha escondiam um encontro entre dois impossíveis de simbolizar: o sexo e a morte. Uma vez por ano, Ana Magdalena visitava a ilha. Levava gladiolos frescos, que iriam enfeitar as confidências feitas à mãe no túmulo.

As tardes no cemitério antecediavam as noites como promessas. Nestas, o desejo de uma mulher se confundia à ilha: a proximidade ao mar era também abertura ao encontro. Ana Magdalena não podia perder a possibilidade da agitação insuportável no peito: desejava a experiência febril do encontro com um homem eleito pelo acaso.

Na ilha, aquela mulher se vê entre eclipses como semblantes e lágrimas como humores do céu. Às voltas com o ilimitado, sob o esplendor de olhos dourados, passeios iluminados pela praia e danças que parecem durar para sempre, Ana Magdalena experimenta a noite com um amante desconhecido, que lhe deixa uma nota de vinte dólares. O incômodo grampeara uma satisfação que passaria a ser repetida: uma noite por ano iria em busca do “prazer inimaginável da força bruta subjugada pela ternura”, com homens sem nome e sem alma. A satisfação experimentada pela nota de vinte dólares acendera o enigma da sexualidade feminina.



Imagem: amazon.com.br - Editora Record

Pronuncia uma única palavra na briga com a filha adolescente: “Putá!”. Pergunta ao marido o quanto este pagaria a uma prostituta. Que valor teria um corpo feminino quando é o sexo que se põe em relevo? Qual o enigma da Outra mulher? Como se fazer Outra para si mesma? Enfim, o que quer uma mulher?

A investigação sobre a sexualidade feminina em torno do que é uma mulher acontece no território litorâneo da obra, e a pergunta freudiana sobre a feminilidade é atualizada na obra de Gabriel García-Márquez que, às voltas com pura sensibilidade, escreve algo do feminino.

No livro póstumo ***Em agosto nos vemos***, publicado pelos filhos de Gabo em 2024, o enigma do desejo feminino é metaforizado na ilha, enquanto o real do sexo e da morte fazem abruptas aparições. A complexa relação mãe e filha encontra aqui destinos surpreensivos, e faz questionar até a última cena: que peso carrega uma mulher quando há, na relação com a mãe, um ponto de inseparável?

Carolline Rangel

:: BIBIOTECA

Resumo do trabalho realizado na biblioteca do CLIN-a (período 2024-2025)

Bibliotecário responsável: Felipe Salles

1) Números do Acervo:

O número total de volumes bibliográficos é de 1.617, sendo: 828 livros; 789 revistas; 54 fitas; e 210 material espiralado e impresso (trabalhos finais, textos impressos, memória institucional). No último período foram adquiridos 40 exemplares por meio de compras e 15 por intercâmbio com outras bibliotecas.

2) Intercâmbio:

Desde o ano de 2023, a coordenação da Biblioteca UNA tem feito esforços para completar as coleções de cada Seção da EBP, com as revistas vigentes (em circulação e publicação) e as retrospectivas (encerradas). Desde 2016, a biblioteca do CLIN-a integra a FIBOL (Federação Internacional de Bibliotecas de Orientação Lacaniana), uma rede de interlocução, no Campo Freudiano, criada em 1990, com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento de bibliotecas de psicanálise e disciplinas afins, favorecendo o intercâmbio entre elas. Dentre as atividades desenvolvidas por suas integrantes, privilegia-se o compartilhamento de informações e de periódicos produzidos em cada Seção e Instituto, bem como a colaboração com a revista internacional editada pela FIBOL, a Colofón, com tiragem anual.

No CLIN-a desenvolvemos ações de intercâmbio com a revista Entrevários para todas as Seções da EBP e institutos no Brasil. Todos os números da revista foram remetidos às bibliotecas, completando as coleções locais, incluindo a publicação mais recente o número 20, "Investigação em Psicanálise". No mesmo levantamento descobrimos quais revistas pertencentes ao intercâmbio não possuíamos em nosso acervo. Após interlocução, recebemos diversos números de revistas provenientes de diferentes partes do Brasil, sendo que algumas ainda estão em vias de recebimento.



Imagem: Patrick Tomasso – unsplash.com

3) Criação de uma reserva digital de textos de acesso livre aos alunos (em parceria com a secretária Regina):

De modo a facilitar o acesso dos alunos às referências dos cursos, propusemos a criação de uma reserva digital eletrônica com os textos da biblioteca digitalizados. Todas as referências constantes nas bibliografias dos cursos desse período, bem como os textos posteriormente apontados como necessários pelos professores, estão disponíveis para os alunos. Conforme os próximos cursos sejam definidos, a reserva eletrônica aumenta.

4) Análise do Catálogo e Migração:

A biblioteca do CLIN-a conta com um catálogo digital que não está online. Parte significativa dos volumes bibliográficos estão catalogados no sistema “BibliVre”. Uma leitura topográfica do acervo está em andamento para entender os elementos faltantes e as possibilidades de migração do acervo para outra base. Foram propostas conversas com a diretoria de Biblioteca da EBP no sentido de migrar os dados de nosso acervo para o Catálogo da Biblioteca UNA (<https://ebpnew.phl.bib.br/>).

5) Serviço de Referência (Pesquisa e Digitalização):

Associados, professores e alunos podem requisitar pesquisa bibliográfica e digitalização de trechos de material da biblioteca para uso próprio, pesquisa e trabalhos associados ao CLIN-a. Foram feitas 32 requisições de digitalização de prefácios, artigos, capítulos e livros completos.

6) Análise documental e tratamento dos materiais não bibliográficos:

Na fase de inventário dos recursos da Biblioteca foram identificados materiais de caráter arquivístico e multimídia, materiais impressos e em formato cassete e CD. Os materiais encontrados estão sendo separados e identificados por cronologia e atividade produtora. Uma parcela significativa é de memória institucional (material espiralado e de uso em eventos – flyers, textos de circulação interna, cartazes) e diz respeito aos trabalhos finais de disciplinas e eventos do CLIN-a. Este acervo foi higienizado e organizado por ordem cronológica, remetendo à disciplina para o qual foi proposto.

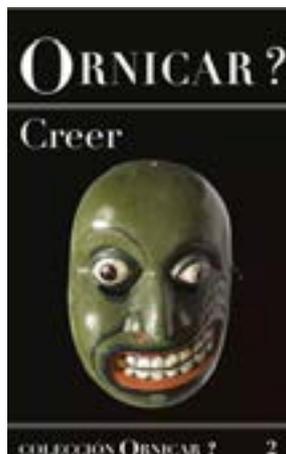
.: NOVAS AQUISIÇÕES



Foraclusão e suas dores. A poética de uma clínica

Fábio Paes Barreto

Editora SCRIPTUM



Colección Ornicar? 2

Jacques-Alain Miller y Deborah Gutermann-Jacquet

Editora Navarin



30: O UM E O MÚLTIPLO DA EBP

Marcia M. Stival Onyszkiewicz (Org.)

Escola Brasileira de Psicanálise

Expediente:

Editor - Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação) - Equipe: Andressa C. Luz, Eduardo Vallejos, Fernanda Cristina Gomes de Carvalho, Francisco Durante e Silvana Sbravati

Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a